

**O UNIVERSO DAS MULHERES NA REVISTA *A VIDA MODERNA* (SÃO PAULO - 1907-1926): UMA ANÁLISE DA TEMÁTICA FEMINISTA**

***EL UNIVERSO DE LAS MUJERES EN LA REVISTA *A VIDA MODERNA* (SÃO PAULO – 1907-1926): UN ANÁLISIS DE LA TEMÁTICA FEMINISTA***

***THE UNIVERSE OF WOMEN IN THE MAGAZINE *A VIDA MODERNA* (SÃO PAULO - 1907-1926): AN ANALYSIS OF THE FEMINIST THEMES***



Gabriel Monteiro de SOUZA  
Universidade Federal de Uberlândia  
e-mail: gabrieldesouza1987@gmail.com



Raquel Discini CAMPOS  
Universidade Federal de Uberlândia  
e-mail: raqueldiscini@uol.com.br

| 1



**Como referenciar este artigo**

CAMPOS, R. D.; SOUZA, G. M. de. O universo das mulheres na revista *A Vida Moderna* (São Paulo - 1907-1926): Uma análise da temática feminista. **Revista Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 10, n. 00, e021006, 2021. e-ISSN: 2237-258X. DOI: <https://doi.org/10.30612/eduf.v11i00.12377>

**Submetido em:** 19/06/2020

**Revisões requeridas em:** 07/01/2021

**Aprovado em:** 10/02/2021

**Publicado em:** 01/03/2021

**RESUMO:** Este estudo investiga as potencialidades da imprensa não declaradamente pedagógica ou escolar para o campo da História da Educação, em especial para as pesquisas que recaem sobre a temática da educação feminina, educação aqui entendida em sentido *lato*, como uma instância da cultura que orienta os valores e as visões de mundo. Tomamos como fonte de pesquisa a revista *A Vida Moderna*, importante periódico paulista que circulou durante as três primeiras décadas do século XX na capital e no interior do Estado, e analisamos textos e imagens voltados para a leitura feminina a partir dos referenciais teóricos da História Cultural e dos fundamentos da teoria da linguagem de Mikhail Bakhtin. A ênfase no exame se dá nas representações acerca do feminismo de então.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa. História da Educação. Educação feminina.

**RESUMEN:** *Este estudio investiga las potencialidades de la prensa no declaradamente pedagógica o escolar para el campo de la Historia de la Educación, en especial para las investigaciones que recaen sobre la temática de la educación femenina, educación aquí entendida en sentido amplio, como una instancia de la cultura que orienta los valores y las visiones de mundo. Tomamos como fuente de investigación la revista A Vida Moderna, un importante periódico paulista que circuló durante las tres primeras décadas del siglo XX en la capital y en el interior del Estado, y analizamos textos e imágenes direccionados a la lectura femenina a partir de los referentes teóricos de la Historia Cultural y de los fundamentos de la teoría del lenguaje de Mikhail Bakhtin. El énfasis en el examen se da en las representaciones sobre el feminismo del momento.*

**PALABRAS CLAVE:** Prensa. Historia de la Educación. Educación femenina.

**ABSTRACT:** *This study investigates the potentiality of the not declaredly pedagogical or academic press for the field of History of Education, particularly for researches focused on the themes of female education – education herein understood in the broad sense, as an instance of culture that guides values and world views. The magazine A Vida Moderna, an important periodical in the state of São Paulo which was published during the first three decades of the 20<sup>th</sup> century in the state capital and countryside, was taken as a research source, and texts and images aimed at female reading were analyzed based on theoretical references of Cultural History and the foundations of Mikhail Bakhtin's language theory. In the analysis, the emphasis is placed on the representations of feminism at that time.*

**KEYWORDS:** Press. History of Education. Female education.

## Imprensa e educação

A ideia de que a imprensa não pedagógica exerce também uma função educativa na sociedade vem sendo confirmada por inúmeros pesquisadores da História da Educação no Brasil (ARAÚJO, 2002; CAMPOS, 2009, 2012, 2015; FARIA FILHO, 2002; GONÇALVES NETO, 2002).

Os trabalhos de Robert Darnton<sup>1</sup> e Roger Chartier<sup>2</sup> sobre a história do livro e das práticas de leitura e as categorias de análise formuladas a partir desses objetos de pesquisa são evidenciadores do papel pedagógico dos impressos – mesmo aqueles não estritamente pedagógicos, no sentido mais comum do termo –, e da imprensa, podendo-se considerar ingênua alguma noção que os tome por veículos informativos transparentes, neutros, desinteressados das questões políticas, econômicas e culturais da sociedade. Esses autores têm mostrado, inclusive, que a influência dos textos sobre as pessoas independe mesmo de sua leitura, bastando uma relação, uma interação com eles por outros meios, que podem incluir a exposição oral, um debate, uma representação cênica ou até mesmo um ouvir falar.

A partir dessa compreensão, ampliamos a noção do conceito de educação e dos objetos da História da Educação. Estes não ficam restritos à escola e a tudo que gira em seu entorno, como os agentes envolvidos – professores, alunos, funcionários em geral –, estrutura física, materiais didáticos, impressos pedagógicos, legislação educacional etc. | 3

O conceito de educação que adotamos é amplo, diferencia-se de instrução ou escolarização. Nós a tomamos, aqui, como uma instância da cultura que orienta os valores e as visões de mundo. E, dessa forma, assumimos a compreensão de que a imprensa bem como outros meios de expressão atreladas ou não a ela – publicidade, fotografia, ilustrações, literatura, cinema – configuram-se como espaços educativos por meio dos quais as pessoas constroem, de modo dialógico, suas concepções de mundo, suas referências de atuação na realidade, seus valores.

## Instrumentais teóricos

Para orientar nossas análises, optamos pelos conceitos desenvolvidos no âmbito da História Cultural, em particular por Roger Chartier, e da teoria da linguagem bakhtiniana, os quais conseguem, a nosso ver, de forma consistente, problematizar nosso objeto de estudo.

---

1 Cf. Darnton (1990, 2014).

2 Cf. Chartier (2001, 2003).

A História Cultural tem como principal objetivo identificar os modos de construção cultural de uma dada realidade social e as maneiras pelas quais ela é representada e apreendida socialmente (CHARTIER, 2002)<sup>3</sup>. Para alcançar tal objetivo, Chartier desenvolve três importantes conceitos: representação, apropriação e práticas.

O conceito de representação diz respeito à maneira como variados grupos sociais, por meio de classificações e delimitações, configuram suas visões de mundo, constroem significados para suas práticas e ações, os quais engendrarão um embate, uma vez que as representações sociais nunca são neutras, mas expressões de valores e de poder dos divergentes grupos que compõem uma sociedade. Essa representação de si e do outro aparece nas práticas culturais, práticas discursivas que são compreendidas tanto como tradução dos interesses dos diversos atores sociais quanto como descrição da sociedade segundo significados atribuídos por esses mesmos agentes.

A apropriação refere-se às várias modalidades de interpretação de práticas culturais (textos, imagens, rituais etc.) as quais as pessoas estão sujeitas de acordo com variados modos de estar no mundo: classes, grupos, estamentos. Nesse sentido, a relação texto-leitor não é, de modo algum, transparente, como se o texto contivesse um significado em si mesmo, estivesse deslocado social e historicamente do leitor, tábula rasa do conhecimento. Pelo contrário, articulam-se nesta relação as ideias de que o texto é um produto social e historicamente construído, assim como o leitor, que se configura a partir das representações do mundo social em que atua. Neste trabalho, portanto, o conceito de apropriação busca compreender as possibilidades de leitura de práticas culturais típicas do início do século XX, em São Paulo, a saber, textos e imagens publicados em periódicos, especificamente, no formato revista.

Por fim, o conceito de prática diz respeito à articulação de variadas esferas da vida em sociedade – política, social, econômica, discursiva – que produz, historicamente, as estruturas sociais e suas representações. A representação, por sua vez, engendra novas ou confirma práticas sociais instituídas, que serão apropriadas e novamente representadas pelos diversos grupos. As práticas configuram identidades, hierarquias, ordenamentos etc.

Dessa maneira, a tríade conceitual formulada por Roger Chartier – representação, apropriação e prática – auxilia este estudo na compreensão de que as práticas culturais dos

---

3 A História Cultural proposta por Roger Chartier assenta-se em três conceitos fundamentais: representação, prática e apropriação. Abarca a compreensão da sociedade não apenas do ponto de vista das relações sociais hierarquizadas nos campos econômico e político, mas, também, no campo simbólico, próprio da cultura. Por isso, por meio da análise das práticas discursivas de uma sociedade, podemos, de forma mais abrangente, compreender os significados construídos e dados a ver pelos diversos grupos que a integram sobre si e sobre os outros; podemos vislumbrar os mecanismos e estratégias de dominação.

sujeitos – aqui, especificamente, os textos da revista, as imagens nela presentes, as práticas de leitura de revistas no recorte espaço-temporal selecionado – são reveladoras e, simultaneamente, formadoras de valores, visões de mundo e identidades sociais. Bem como revelam os embates em torno de interesses variados dos grupos sociais. Isto é, as práticas são expressões da cultura e ao mesmo tempo conformadoras da cultura.

Nosso propósito é contribuir com o campo da História da Educação por meio dessa abordagem dos impressos como instâncias educativas, conformadoras de cosmovisões, de valores que orientam as práticas dos sujeitos no cotidiano da história; espaços nos quais múltiplas e variadas vozes enunciativas se entrecruzam, disputando o jogo da hegemonia discursiva.

Da filosofia da linguagem bakhtiniana, utilizamos o conceito de dialogismo. Segundo Bakhtin (2011, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Daí decorre um dos pressupostos fundamentais de sua filosofia da linguagem, qual seja, o de que o modo de funcionamento real e concreto da linguagem se dá por meio do enunciado.

O enunciado possui algumas características constitutivas próprias. Todo enunciado é autoral e tem um destinatário; constitui-se como a réplica de um diálogo, por isso encerra um acabamento que permite uma resposta; é dialógico; é axiológico (BAKHTIN, 2011; FIORIN, 2006). | 5

Decorrente do primeiro, tem-se o segundo pressuposto. Isto quer dizer: se o meio pelo qual os homens interagem com a realidade é o enunciado/discurso, e se o discurso é constitutivamente dialógico, logo, as próprias relações sociais são dialógicas, são construídas dialogicamente. A dialogicidade do discurso existe como fenômeno da cultura porque nenhum indivíduo interage sozinho, de modo direto com a realidade. Os discursos dos indivíduos – mas não só deles, também os discursos que se apresentam como coletivos como a ciência, o estado, as empresas e outras instituições - são atravessados pelos discursos alheios, sejam seus contemporâneos ou seus antepassados. Por vezes, inclusive, as duas instâncias temporais se mesclam na construção discursiva dos sujeitos.

É nesse sentido, portanto, que o discurso se apresenta sempre como uma réplica a outros discursos. A esse caráter da linguagem e das relações sociais designa-se o conceito de dialogismo. Dessa forma, podemos melhor compreender as relações estabelecidas entre os sujeitos dessa prática social que constitui a redação, publicação e consumo – diga-se prática de leitura – de textos e imagens em revistas no início do século XX, no Brasil. Através dessa lente podemos entrever sujeitos não completamente controlados, submetidos e seduzidos pelos

discursos. Pelo contrário, sujeitos que também negociam, desejam, rejeitam, exigem, que não se deixam enlear tão facilmente. Falamos de sujeitos que respondem aos discursos dos quais são alvos no âmbito da ciência, da religião, do mercado ou quaisquer outros.

## A revista

*A Vida Moderna* tem reconhecida sua importância no meio impresso ilustrado da Primeira República como confirmam os trabalhos de Martins (2001), Cruz (2013), Moraes (2007), Souza (2019) e o trabalho de Affonso A. de Freitas, *A imprensa periódica de São Paulo: dos seus primórdios em 1823 até 1914*, publicado em 1915, que constitui importante fonte para o estudo do periodismo paulista.

Nosso acesso às fontes deu-se por meio da consulta aos exemplares digitalizados e hospedados nos sítios da Biblioteca Nacional Digital e do Arquivo Público do Estado de São Paulo. A escolha dos números para análise (133, 137, 350, 418, 427, 432, 436, 437, 441 e 475) foi orientada pelo que denominamos “universo das mulheres na revista”, ou seja, o conjunto dos assuntos que tinham as mulheres como tema, filtrado pelo enfoque na temática feminista. Dessa forma, pudemos analisar e compreender as representações acerca do feminismo de então no periódico.

*A Vida Moderna*<sup>4</sup> foi uma revista do segmento “variedades”, editada em São Paulo entre os anos 1907 e 1929. Antes voltada para a temática esportiva e para um público eminentemente masculino, a revista quinzenal *Sportman*, por deliberação de seus diretores, veio a denominar-se, a partir de seu número 25, *A Vida Moderna*. O periódico passa, gradativamente, por uma reformulação gráfica, temática e publicitária, buscando alcançar novos horizontes comerciais, implementando estratégias de distribuição e conseguindo com isso maior número de leitores e de anunciantes.

As “revistas de variedades”, também chamadas de “revistas ilustradas”, caracterizavam-se pela abordagem de temas diversificados, considerados “leves”: vida social dos salões, saraus, passeios públicos, as diversões ao ar livre, os clubes, cinema, espetáculos teatrais e de dança, literatura, moda e crítica de costumes e a grande quantidade de anúncios publicitários de

---

4 Fundada como *Sportman* em 1906 por Luiz Couto e propriedade e direção de Artur Reis Teixeira, torna-se *A Vida Moderna* em 1907. Adquirida por Amâncio dos Santos em 1910 ou 1911, possuiu vários diretores de redação: Amadeu Amaral, Gelásio Pimenta – que fundaria, em 1914, *A Cigarra*, principal concorrente de *A Vida Moderna* –, Garcia Redondo, coproprietário da revista até sua morte em 1916. Armando Mondego assume sua direção e assim permanece até o último número a que tivemos acesso, 518, de 08/12/1926. Para maior informação sobre a revista, cf. Moraes (2007) e Souza (2019).

produtos e serviços de empresas brasileiras e estrangeiras. Outra característica distintiva das revistas desse segmento era o uso abundante da reprodução fotográfica. A fotografia era a grande novidade do periodismo de início de século, o fetiche de editores e leitores. Foi utilizada para dar visibilidade a eventos públicos, cívicos, sociais, encontros políticos, competições esportivas etc. O registro de paradas militares, das visitas diplomáticas, da chegada, à cidade de São Paulo, de alguma personalidade do mundo político ou artístico constituía sempre uma oportunidade de demonstrar, por meio de imagens, o estágio de desenvolvimento da cidade, do estado e da própria revista. (MARTINS, 2001; COEHN, 2015; CRUZ, 2015).

*A Vida Moderna* era propriedade da Empresa d'A Vida Moderna, cujo escritório localizava-se, na primeira década do século XX, na Praça Antônio Prado, local também escolhido para situar os escritórios das revistas *São Paulo Magazine*, *Lua* e do influente jornal *O Estado de S. Paulo*, fato que pode ser indicativo do poder econômico da empresa publicadora da revista (MARTINS, 2001). Martins (2001) apresenta uma lista das tipografias de São Paulo e dos periódicos aos quais prestavam serviços gráficos. *A Vida Moderna* não está presente, o que pode ser mais um indício de que a própria Empresa d'A Vida Moderna imprimia os exemplares da revista.

De acordo com Cruz (2013), o periódico foi considerado um importante empreendimento na imprensa paulista, chegando a ser a revista de maior tiragem durante boa parte dos anos 1920. Segundo Martins (2001, p. 342), “uma das revistas mais importantes do período”. Seu público-alvo compunha-se, principalmente, de famílias da elite<sup>5</sup> e das classes médias<sup>6</sup> paulistanas<sup>7</sup>, que se identificavam com os valores defendidos pela revista – uma ética do trabalho e individualismo capitalistas nascentes e, ao mesmo tempo, a identidade paulista – valores com significados trazidos e ressignificados pelo grande crescimento econômico do estado de São Paulo naqueles anos, bem como sua posição de prestígio no cenário político nacional<sup>8</sup>.

À semelhança de outras revistas paulistanas como *São Paulo Magazine*, *O Pirralho* e *A Cigarra*, *A Vida Moderna* apresentava tratamento gráfico de vanguarda: capa multicolorida, uso frequente e abundante de imagens, principalmente as fotográficas, inovação e deslumbre da época (MARTINS, 2001). Contemporâneo à revista, sobre ela declarou Freitas (1915, p.

5 Por classe alta, entendemos, em São Paulo, a parcela da população composta pelas famílias tradicionais ligadas à grande propriedade rural, ao comércio e à industrialização incipiente. Cf. Costa, E. (1987).

6 Por classes médias, entendemos uma parcela da população urbana composta por profissionais liberais, pequenos empresários, funcionários públicos com nível superior, pequenos comerciantes, empregados de escritório. Cf. Saes (1984) e Costa, E. (1987).

7 Sobre mulheres da classe trabalhadora, cf. Chalhoub (2012); Soihet (2004); Moura (1982) e Pena (1981).

8 Sobre a construção da identidade paulista, cf. Ferreira (2002).

704): “finamente redigida e profusamente ilustrada a photogravura é hoje uma das mais bem feitas e populares revistas de S. Paulo”.

Um exemplar d’*A Vida Moderna* media 19cm de largura x 28cm de altura e apresentava-se, em média, com 30 páginas em papel couchê, não numeradas. Edições especiais podiam chegar a 100 páginas. A diagramação interna podia trazer, em um mesmo número, textos dispostos em duas, três ou quatro colunas. Com capas coloridas, conteúdo interno em até três cores fartamente ilustrado e uso abundante de fotografias, a revista teve publicação quinzenal de 1907 a 1912. Mais tarde, de 1912 a 1914 passou a sair semanalmente e assim o fez até 1915, quando voltou a ser uma revista quinzenal, mantendo essa periodicidade até seu último ano de existência, 1929<sup>9</sup><sup>10</sup>.

O número de seções foi impermanente. Elas podiam aparecer e desaparecer de um número para outro sem aviso prévio. Os temas mais frequentes eram esportes, vida social e festas cívicas, crítica de costumes e vida cultural. Assuntos políticos eram tratados, às vezes, nos textos de abertura, crônicas ou matérias especiais sobre personagens da política estadual.

Uma breve caracterização das seções mais frequentes pode ser feita da seguinte maneira: “Filigranas” é uma coluna que discute arte e costumes na cidade de São Paulo. Apresenta comentários críticos a respeito do comportamento de homens e mulheres no espaço público em geral, festas, teatros, concertos etc.; “Elegancias”, assinada por “Mme. X”<sup>11</sup> - não se conhece sua real identidade -, discute aspectos da moda, aprova e reprova modos de vestir-se e comportar-se, discute aspectos do mundo artístico referente aquilo que considera alta cultura, referenciada nos ideais clássicos; “Azulejos” é uma coluna literária e possui colunistas variados, trazendo textos originais e às vezes traduções; “Do salão á cosinha” é uma coluna que tem como objetivo fornecer, além de receitas culinárias, conselhos práticos para as donas de casa: remover das roupas manchas de gordura, produzir artesanalmente perfumes, preparados contra a queda de cabelo; “Cine-revista” é a coluna dedicada a notícias do mundo do cinema. Concede especial destaque às grandes estrelas do cinema americano, trazendo informações sobre filmes, vida pessoal e profissional dos atores e atrizes; “Sports” é uma coluna dedicada a comentários sobre partidas de futebol, canoagem, hipismo, corrida de cavalos, aviação, dentre outros; “O momento literário” não é assinada e apresenta poemas e seus autores; “Sobre literatura” é uma coluna em que se discute e apresenta o autor e sua obra.

8

9 Na edição em que se anuncia a mudança na periodicidade não há informação dos motivos para tal.

10 Sobre o encerramento das atividades da revista, cf. Souza (2019).

11 Sobre o uso de pseudônimos por mulheres na imprensa, cf. Pessoa (2005).



## O universo das mulheres n'*A Vida Moderna*

Neste tópico, discutiremos as representações acerca do feminismo na revista e analisaremos um caso em que texto e imagem, no conjunto diagramático da página, produzem um efeito paradoxal, revelando a porosidade dos sentidos de um texto, evidenciando o caráter dialógico de todo enunciado. Dessa forma, pretendemos elucidar nossa hipótese de que a imprensa periódica não pedagógica, em específico e de modo exemplar a revista *A Vida Moderna*, operava como espaço educativo para os valores e para a visão de mundo, ou seja, um instrumento formador e reforçador de representações acerca do feminismo entre as mulheres da elite e das classes médias urbanas paulistas naquele contexto.

O debate a respeito dos papéis sociais das mulheres nos espaços público e privado era candente no início do século XX. Assim, temas como trabalho e voto femininos mantinham espaços de discussão pública na imprensa periódica, uma vez que transformações econômicas, sociais e políticas vinham, desde o final do século XIX, pressionando a sociedade brasileira e produzindo efeitos sensíveis no tecido da organização social, dentre eles, a saída das mulheres da elite e das classes médias do espaço privado do lar, o único que ocupavam até aquele momento histórico. Cada vez mais, principalmente nas grandes cidades, as mulheres da elite das classes médias estudavam e trabalham fora de casa, construíam carreira profissional, deambulavam pelo centro da cidade de São Paulo (BESSE, 1999).

Os assuntos considerados, à época, tipicamente femininos, uma vez que não havia seções específicas para tratar do universo das mulheres, perpassavam toda *A Vida Moderna*: moda, beleza, comportamento, vida conjugal e familiar, receitas culinárias, cuidados com a casa, filhos. “Filigranas”, coluna de perfil conservador em matéria de comportamento, exaltava os modos e costumes do passado, em detrimento do presente, avaliado como tempo de degenerescência. O feminino era objeto constante de vigilância e prescrição de especialistas da área médica e jurídica, de religiosos e dos meios de comunicação. Os discursos normativos endereçados às mulheres ganham força em razão daquelas transformações socioeconômicas e políticas às quais nos referimos, uma vez que os contemporâneos receavam uma desestruturação social motivada pela ausência da mulher no lar e pela competição com o homem no mercado de trabalho e na vida pública (BESSE, 1999; CAULFIELD, 2000; COSTA, J.; 1983; CUNHA, 2006; FREIRE, 2008) N'*A Vida Moderna*, portanto, uma coluna que tratasse de comportamento não podia furtar-se a prescrevê-los para o público feminino. Em nossa pesquisa, identificamos as colunas “Elegancias”, “Filigranas” e “Do salão à cozinha” como os espaços privilegiados de enunciação de discursos normativos para as mulheres.

O tema feminismo estava presente nas discussões públicas do início do século XX, no Brasil, apesar de o termo traduzir significados distintos de acordo com o portador do discurso. Ao mesmo tempo em que carregava um sentido de modernidade, progresso, direitos políticos das mulheres e, até mesmo de modismo, o termo feminismo, de acordo com Besse (1999, p. 214), foi banalizado pela imprensa em seu significado de “transformação fundamental da consciência”.

Nas primeiras décadas do século XX, era difícil definir o feminismo e estabelecer suas claras delimitações. Sob a alcunha de feminista estavam pessoas que defendiam bandeiras se não completamente opostas, pelo menos nitidamente diferentes. Analisando crônicas sociais e cartas de leitores, publicadas em 1920 e 1921, no jornal *O Estado de São Paulo*, Sevckenko (1992) percebe que um dos significados correntes de feminismo estava associado à adoção de novos comportamentos como o encurtamento das saias e usos de cabelos curtos e cigarro.

Feminista podia ser quem defendesse o voto e a participação política feminina, assim como maior participação no mercado de trabalho; podia ser quem pregasse que o verdadeiro feminismo era aquele que preservava os papéis naturais da mulher, sua essência feminina, e que a protegia das modernidades desmoralizantes. Podiam ser também aquelas jovens que se preocupavam em andar conforme a moda ou sempre bem enfeitadas. As anarquistas, que propugnavam a emancipação feminina e rejeitavam a denominação por considerá-la uma concessão ao sistema político-econômico burguês, ao qual combatiam, eram também chamadas feministas pela imprensa (BESSE, 1999; CAMPOS, 2009).

Verifica-se tal variação conceitual também n’*A Vida Moderna*. As palavras feminismo e feminista são utilizadas com mais de um sentido, como aos que nos referimos acima. Não se pode, pois, afirmar que a revista possuísse uma posição acerca do feminismo sem que o próprio termo seja definido. Nosso procedimento metodológico foi considerar como temática feminista aqueles significados que envolvem as mulheres em questões acerca de direitos políticos, ocupação do espaço público no mercado de trabalho e na vida intelectual e comportamento. Assim definido o feminismo do periódico, pode-se compreender que nele houvesse espaço para as discussões contemporâneas acerca do papel das mulheres na nova era de modernidade e progresso que o século XX inaugurara. Ainda assim, não se tratava de uma posição editorial, mas individual de cada colunista ou colaborador.

As palavras que se escrevem sobre Marise, pseudônimo da escritora gaúcha Maria Luiza Duclos, nos permitem compreender os avanços e os limites no processo de autonomia das mulheres das classes médias e alta no contexto analisado. O artigo sobre Marise destaca um trecho elogioso a seu respeito, de um texto publicado em uma revista de Porto Alegre chamada *Rev. Educação e Fronteiras*, Dourados, v. 10, n. 00, e021006, 2021.

*Iris*, intitulado “Mulher e sua missão moral e intelectual”, em que o autor declara:

Sempre dei o maior apreço á intervenção da Mulher no preparo moral de um povo. Ella mais do que homem póde levar ao intimo da educação desde o lar ás reuniões sociaes, o seu poderoso influxo de aperfeiçoamento. A cooperação de minha distincta patricia, tem nas letras um alto relevo no nosso meio collectivo.

A importância da presença da mulher no espaço público, nesse caso, o mundo das letras, não é menosprezada. É atribuída a ela uma tarefa específica e própria, que o homem não poderia realizar com a mesma eficácia: a educação moral. De fato, o magistério primário foi uma das principais ocupações das mulheres das classes médias e “em 1920, 75% dos professores primários da cidade de São Paulo e 81% dos da cidade do Rio de Janeiro eram mulheres” (BESSE, 1999, p. 163). A presença feminina no mercado de trabalho, na vida política e intelectual, entretanto, não deveria apartar as mulheres do que era considerada sua natural missão. Ou seja, mesmo no espaço público, a mulher deveria zelar pela sua essência e suas novas ocupações não deveriam apagar sua feminilidade nem seus papéis sociais<sup>12</sup>.

Em 1912, edição número 137, num artigo intitulado “Bom humor”, apresenta-se o fato de que um jornal do Rio de Janeiro, “tirou a alta reportagem política a um dos seus redactores, para a confiar a uma mulher”. O tom é ameno, como sugere o título, e a jornalista Virginia Quaresma é elogiada pela perspicácia com que conduziu a entrevista com um general. Duas frases, no entanto, a que abre e a que encerra o artigo, são reveladoras de um contexto em que, gradativamente, as mulheres ocupavam funções antes apenas devidas aos homens: “O feminismo avança [...] Salve-se quem puder!”

Em uma pequena nota, na edição 133, de 05 de setembro de 1912, leem-se comentários sobre dois casos internacionais em que mulheres aparecem exercendo profissão e ocupando espaços que tradicionalmente não eram os seus. A chamada para os comentários é curiosa: sua diagramação sugere uma bandeira com os dizeres “O feminismo triumphs”. A nota nos informa que, nos Estados Unidos, elas estavam sendo iniciadas na construção civil; no Uruguai, uma mulher conquista, mediante concurso, a cadeira de Direito Romano na Universidade de Montevideu e sofre, por isso, resistência dos estudantes, que ameaçam renunciar às aulas. Logo a seguir, há um texto opinativo sobre o caso uruguaio, lamentando a atitude dos estudantes de Montevideu em relação à nomeação da professora “doutora Matilde Luisa”, declarando-a

12 Por papéis sociais entendemos as maneiras específicas de se relacionar socialmente, uma vez que os papéis sociais determinam as expectativas sociais dos comportamentos dos indivíduos. Todo papel social está ligado a uma posição de *status*. Por *status* entendemos posições sociais relacionadas a graus de prestígio, privilégio, poder e responsabilidades. Sobre esse assunto, cf. Goffman (2014).

irracional, contrária ao progresso dos tempos de então, “de conquistas e de luzes”. O(a) autor(a), ainda, destaca os méritos intelectuais da professora, considerando-a “uma dama de alto valor intelectual” e, ao recorrer ao seu histórico, nos informa que ela foi “a primeira mulher a prestar serviços ao seu país, na diplomacia, ocupando com brilho, um cargo consultivo na embaixada do uruguay em Paris”.

O discurso d’*A Vida Moderna* sobre o feminismo não era homogêneo, mas permeado por nuances. O texto sobre o caso da professora uruguaia inicia apresentando uma verdade aparentemente inexorável e imemorial: “A primeira obrigação de uma mulher é ser bella”. Durante a leitura, percebe-se que se trata de uma crítica à postura preconceituosa dos estudantes uruguaio e não de conselhos de beleza. A ironia no uso da frase feita como abertura do texto serve para construir o sentido da crítica, mas não deixa de revelar um dos pressupostos sociais que conformavam o ser mulher naquele contexto.

Por outro lado, o que pode demonstrar os contrastes no interior da redação da revista acerca do tema, em 1919, na edição número 350, o colunista Bruno Ferraz coloca-se completamente contrário à instituição do Dia da Mulher e considera o feminismo “uma subversão completa, inteira e cabal da sociedade”, uma revolução “temerosa e horrível” porque pretende conferir autonomia às mulheres. Os diferentes modos de tratamento do tema feminismo pela revista nos coloca, também, diante da complexidade de uma época em que os valores tradicionais se modificavam.

A ideia de que o feminismo, ao desenvolver-se como um movimento organizado no Brasil, representaria uma subversão da sociedade não deixa de fazer sentido. Uma sociedade organizada com base em relações sociais patriarcais via-se, desde o final do século XIX, às voltas com transformações econômicas, políticas e sociais, das quais as demandas feministas eram apenas parte de um processo de modernização. É, pois, compreensível o alarme feito pelo colunista, se considerarmos que, três anos depois da sua condenação à ideia de criação do Dia da Mulher, *A Vida Moderna* publicaria, na edição 441, um artigo elogioso em que se relacionava o feminismo à luta das mulheres pela conquista de “direitos e deveres iguaes aos do homem”. De igual modo, em 1924, edição 475, uma nota anuncia como “uma alta conquista do feminismo” o fato de que se aprovara, na “Camara dos Comuns”, como direito das mulheres, na Inglaterra, o pedido de divórcio segundo os mesmos critérios já permitidos para os homens.

Em 1921, na coluna “Elegancias”, Mme. X, em texto intitulado “Feminismo”, elogia a

atuação de Bertha Lutz<sup>13</sup> em favor do sufrágio feminino, enaltecendo sua causa e declarando-lhe apoio.

Leitor gentil, o feminismo é um facto. Se bem que pareça aos olhos das nossas camaradas uma utopia, não é senão uma realidade. Até aqui no nosso amado Brasil, já vem elle triumphando. Basta prestar atenção a este espirito energico e valoroso de Bertha Lutz, para vermos que ha em verdade uma força que sabe levar de vencida e a golpes de energia, para a victoria, os direitos políticos da mulher brasileira. Achamos que ella faz bem em convencer aos espiritos claros e preparados a lhe seguirem na sua nobre missão. Os srs. Homens (nem todos) em maioria apresentam dificuldades em facultar o direito político a mulher, allegando elles a falta de preparo [...]. Não se pode mesmo comprehender qual a difficuldade em legislar a respeito. [...].

Percebemos, nesse trecho, que por feminismo entendia-se certo espírito feminino, valoroso e enérgico, aplicado para construir o progresso da civilização brasileira. É interessante notar a metáfora da guerra/luta para referir-se ao trabalho de Lutz na Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Esse tratamento é pouco usual, pois, às mulheres, estavam vinculadas imagens ligadas ao mundo privado, ao cuidado, à beleza e graça etc. (BUITONI, 2009). Entretanto, termos como enérgico, energia, valoroso, força, golpes e vitória apresentam uma leitura renovada das atitudes e comportamentos das mulheres naquele princípio de século. Mas | 13  
haveria limitações, certamente. Quando escrevemos a história sob orientação das lentes do contemporâneo, impedimo-nos de enxergar os horizontes possíveis de determinado tempo histórico.

Na edição 427, em mais um texto intitulado “Feminismo”, Mme. X confere destaque a um escritor espanhol, considerado o “advogado das mulheres” em seu país. Em contrapartida, lamenta que o Brasil mantenha posição retardatária em relação à presença feminina na vida pública. Critica os preconceitos sociais que buscam “esmagal-a com este falso elogio de que é ella o Anjo do Lar”. E apresenta, ainda, uma crítica aos intelectuais brasileiros que não atentavam seriamente para a questão feminina:

Acham elles que o papel da mulher é só o de se enfeitar, e ser coquette para lhes ser agradável [...] nem siquer podem ellas ter o direito que conquistaram a peso de honra e distincção: *O direito de voto!* [...] Só a mulher é que não se póde manifestar. Tem que ficar de lado, quietinha [...] não é moda a Mulher votar [...] Póde ser que com o correr da *civilização*, venha a ser uma realidade o feminismo aqui na terra das palmeiras...A nossa gente não vê o que se fez e se está fazendo para a emancipação da mulher na America do Norte e na velha

---

13 Bertha Lutz (1894-1976) nasceu em São Paulo, formou-se em biologia e foi a segunda mulher a entrar para o serviço público no Brasil. Engajou-se em campanhas em favor do reconhecimento dos direitos políticos das mulheres, foi uma das fundadoras da Federação Brasileira Para o Progresso Feminino em 1922.

Europa? Não vê?...Eu acho que aqui em verdade o que ha é um certo temorzinho [...]<sup>14</sup>.

Mme. X parece compreender o feminismo como um movimento para a conquista da emancipação feminina, tomada como a efetivação dos direitos políticos das mulheres e da educação para seu crescimento intelectual, como sugere outras partes do texto. Reconhece, em tom sarcástico, que a relutância em relação à maior participação feminina na esfera pública talvez fosse evidência do medo masculino. Medo da competição e da perda de poder. Nos trechos finais, a argumentação da colunista assume uma conotação que aproxima o significado de emancipação da mulher ao de sua integração à esfera pública no papel de auxiliar do homem.

[...] Deixae a vaidade tola do dinheiro, e sêde vaidosas pelo que se possa ser mais justificadamente, pela força e preparo, pelo trabalho, auxiliando o homem a vencer na labuta, nobremente bella, de elevar a sua patria, para que ella fulgure no ceu do Cruzeiro como um astro de primeira grandeza.

O papel das mulheres no esforço de agigantamento da civilização brasileira seria o de auxiliar o homem, aquele que, de fato, estava imbuído de espírito público e governante, de capacidade de liderança e trabalho necessários ao progresso do país. A elas, pois, de acordo com o texto, estava reservado um papel subalterno, ainda que lisonjeado como essencial. Sua função no espaço público constituir-se-ia de mera extensão de suas funções no âmbito privado, determinadas por sua apregoada natureza feminina.

Vejamos o debate travado na coluna “Filigranas” acerca do feminismo e do voto feminino. No ano de 1922, uma estudante da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, Diva Nazário<sup>15</sup>, decide solicitar seu alistamento eleitoral para participar das eleições vindouras<sup>16</sup>. Diante da negativa do juiz, ela impetra recurso. Após a negativa final de sua solicitação, ela empreende uma campanha pela imprensa a favor do voto feminino, tornando seu caso público. Em 1923, publica o livro *Voto Feminino e Feminismo: um anno de feminismo entre nós*<sup>17</sup>, no qual compila seus artigos, réplicas e trélicas acerca do tema, além de apresentar a discussão do voto feminino por ocasião da Constituinte e o modo como a imprensa brasileira tratava o assunto. Ela escreve à redação da revista após ter seu pedido de alistamento eleitoral

14 Grifos do original.

15 Regina Cecília Maria Diva Nolf Nazário (1897-1966) foi uma sufragista e feminista brasileira. Graduiu-se em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e exerceu o secretariado geral da Aliança Paulista pelo Sufrágio Feminino.

16 A tentativa de alistamento eleitoral baseava-se em uma imprecisão do art. 70 da Constituição de 1891, o qual não deixava expressa a proibição ao voto feminino. Cf. Voto (2000, p. 427-436).

17 Cf. Nazário (1923).

negado, solicitando apoio a sua causa. Recebe outra negativa, desta vez, do colunista Lellis Vieira, que a expõe na coluna, usando de “galhofa”, de acordo com a própria Nazário. Ela envia nova carta, da qual não conhecemos o teor, pois não é publicada pela revista. Na edição 433, sai uma nota direcionada a Diva Nazário, uma menção à carta não publicada. Ela queria continuar aquele debate.

A revista, então, publica, na edição 437, a tréplica de Nazário e, ainda, a opinião de um leitor, Moacyr Diniz, que se quer na discussão, demonstrando como o tema dos direitos políticos das mulheres despertava paixões. Em seu texto, a autora rebate os argumentos de Vieira, argumentos que, ela mesma escreve, deixam de tratar seriamente o assunto para assumir um “tom burlesco”. Ele afirma, por exemplo, que os homens seriam prejudicados em sua atenção ante a presença de mulheres nas urnas eleitorais; que as mulheres, sedutoras por natureza, tornaria a disputa por votos algo desleal; que os filhos ficariam sem os cuidados necessários, se suas mães se ocupassem da política. Abaixo da tréplica, é publicado o texto do leitor Moacyr Diniz, intitulado “Pelo nosso sexo...”, que sai em defesa da autoridade patriarcal, da ideia de uma essência masculina e outra, feminina. Critica, inclusive, a entrada de mulheres na universidade, defendendo que o espaço público seja, hegemonicamente, ocupado pelos homens. O feminismo, escreve ele, faz com que a mulher se afaste da feminilidade, tornando-a uma “revoltada”. No livro de Nazário, de 1923, ela apresenta apenas o texto de Vieira e o seu. Não tece comentário algum acerca da opinião do senhor Diniz.

| 15

Nossa última análise recairá sobre uma inusitada formação verbo-visual, uma conjunção aparentemente despropositada de texto e imagem, que produz um efeito de sentido paradoxal, se a considerarmos a partir do ponto de vista do horizonte de possibilidades de que dispunham as mulheres do início do século XX em São Paulo. Ou seja, a aparente contradição entre o que era o comportamento desejável e o comportamento que se verificava. O documento que iremos analisar a seguir não menciona a palavra feminismo, não aborda diretamente a temática da emancipação feminina nem algo parecido. No entanto, o efeito produzido pela combinação dos textos e da imagem é a possibilidade de uma leitura a contrapelo dos discursos normativos acerca dos papéis sociais da mulher.

A formação verbo-visual referida encontra-se na coluna “Do salão á cosinha”, assinada por Mme. X, e tinha como mote, conforme descrito acima, conselhos práticos para o dia a dia doméstico. É importante destacar, como já mencionado em nota, que não se sabe a verdadeira identidade de Mme. X, nem mesmo se se tratava de um escritor ou escritora. Tal informação não é banal se considerarmos que o tom do discurso, em colunas voltadas para mulheres, era utilizado, com frequência, de modo a suscitar um efeito de intimidade, amizade e

aconselhamento. Portanto, um tom discursivo que sugere uma relação horizontal entre os interlocutores, abordagem muito comum, e, na verdade, constante no tratamento textual das revistas femininas (BUITONI, 2009).

No dia 10 de agosto de 1922, edição número 436, a coluna apresentou uma diagramação inusitada. Trazia uma fotografia da aviadora Anésia Pinheiro Machado, considerada uma das pioneiras da aviação feminina no Brasil<sup>18</sup>. O instigante é notar, além da foto e da legenda – que por si próprias destoam da representação feminina usual, do espaço privado, do sentimentalismo, da meiguice dentre outros estereótipos –, o espaço no qual foi colocada a imagem, inadvertidamente, talvez.

De forma inadvertida ou não, não deixa de ser curiosa a ironia de se ter em meio a receitas de bolos, pudins e conselhos para “limpar facas” e “conservar o brilho dos tapetes de oleado”, a fotografia de uma mulher que escolheu não seguir, aparentemente, a senda mais comum a suas congêneres. “Do salão á cosinha” era uma seção que costumava estampar, ao centro da página, fotografias sem relação alguma com o tema da coluna. Isso era frequente por toda a revista. Em outras edições, por exemplo, é comum imagens de crianças, festas, encontros políticos. Na edição 436, a fotografia publicada era a de uma mulher aviadora, vestida como tal e em pose à frente de uma aeronave.

A prática esportiva, no início do século XX, com a educação física, constituíam “medidas de higiene destinadas a combater o ócio e os hábitos mundanos da juventude” e, assim como os comportamentos sociais, seguiam regras de aplicação orientadas pela divisão sexual da sociedade (SCHPUN, 1999, p. 34). Assim, conforme um discurso essencialista, que evocava uma natureza masculina e outra, feminina, havia esportes mais ou menos recomendados para homens e mulheres. Citando artigo de Fernando de Azevedo (1999) no jornal *Sports*, relaciona às mulheres práticas como ginástica, dança clássica, caminhadas ou corridas e natação. Já aos homens, as práticas recomendadas passavam pelo atletismo e os esportes de competição em geral. É, pois, expressivo que seja dado destaque para uma jovem que seguia uma trajetória bastante incomum em seu tempo, dedicando-se à aviação. É ainda mais incomum que esse destaque seja conferido em uma coluna feminina de conselhos práticos domésticos.

De volta à coluna “Do salão á cosinha”, percebemos a ironia no encontro ocasional entre o nome da seção e a fotografia selecionada para essa edição. O nome da seção delimita os

---

18 Anésia Pinheiro Machado foi a segunda brasileira a obter o brevê, documento que autoriza o portador a pilotar aviões. Foi também representante membro da Liga Paulista para o Progresso Feminino, que integrava a Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Para saber mais acerca da trajetória de Anésia Pinheiro Machado, cf. Centro Histórico Embraer (2020).



lugares apropriados para as mulheres, sugere os espaços afeitos a sua suposta e apregoada natureza, como bem queria a alguns colunistas e leitores d'*A Vida Moderna*. O salão de festas, os bailes sociais e beneficentes eram o espaço público próprio para elas. Ali, podiam exercer e demonstrar seus dons supostamente naturais: graça, simpatia, doçura, beleza, recato, bondade, humildade. Do público – o salão – para o privado – a cozinha – a mulher encontra-se em sua casa, onde é “Anjo do lar”, guardiã e senhora. Como disse Lellis Vieira, no debate com Diva Nazário referido acima, é mais belo e admirável uma mulher à “beira do berço”, junto a seu filho, do que “ao lado de uma urna eleitoral”. A casa, sua organização, manutenção, ordem e gerência era de responsabilidade da mulher. A educação dos filhos, a imagem pública do marido e seu sucesso profissional, tudo isso passava pelas mãos das mulheres da elite e das classes médias, como uma responsabilidade própria de seu papel social, vinculado a sua natureza de cuidado, graça e organização (BESSE, 1999; COSTA, J.; 1983; CUNHA, 2006; FREIRE, 2008). Progressivamente, o discurso normativo alcançava, também, as mulheres pobres, num esforço de torná-las alvo de políticas higienistas e eugenistas, advindas do processo de medicalização e outras formas de normalização da vida cotidiana (MARQUES, 1994; RAGO, 2014; ROCHA, 2003; WEINJTEIN, 1995).

Figura 1 – Seção “Do salão á cosinha” com fotografia de jovem aviadora

**Conselhos práticos**

Para limpar um storo, estende-se e passa-se uma esponja molhada num preparado de um pouquinho de espirito de amoníaco e um pedacinho de sabão dissolvido em meia garrafa de agua quente.

Esfrega-se com uma escova macia de unhas e limpa-se com um pano enxuto. Quando quasi enxuto passa-se a ferro rapidamente. Não se precisa tirar-se o storo do rolo que o segura porque assim conserva melhor a sua fórma.

Para lavar vellido, preparam-se duas bacias de agua tepida com pó de sabão e aperta-se o futo bem e enxuga-se em agua limpa. Não se torce e de, endurece-se na corda para secar, e enquanto secca, toma-se uma escova de roupa e passa-se-lhe em cima uma vez ou outra.

Para limpar as facas de-prosa um bom meio é mergulhar uma roilha na agua e passal-a no pó de facas e polir então com taso as lamíνας vivamente; dá-se o polimento com um jornal. É melhor que esfregar as facas na tábua e toma metade do tempo.

Quando se pregam cortinas no rolo, mette-se o rolo na balnha, depois coloca-se uma tira antes de bater os pregos, isso impedirá a balnha de rasgar-se.

Para conservar o brilho dos tapetes de oleado, lavam-se esses de oito em oito dias com um preparado feito com partes iguaes de agua e de leite; e de 20 em 20 dias esfrega-se de leve com um verniz liquido que se prepara derretendo cera em essencia de terobentinas.



## Do salão á cosinha

trigo, 1 colherinha de fermento inglês, 1 chieara de nozes picadas e uma de tamaras, 1 chieara de assucar. Bate-se os ovos, acrescenta-se o assucar; pensa-se a farinha de trigo e o fermento

inglês, juntamente; acrescentam-se nozes e tamaras. Polvilha-se com canella uma fórma untada de manteiga. Assa 30 ou 40 minutos em forno moderado. Experimenta-se com uma palha. Serve-se em taças, com nata batida.

**Bolinhos de ouro**

Batem-se 115 grammas de manteiga com 115 grammas de assucar. Acrescentam-se dois ovos, um pouco de leite, uma colherada de marmelada ou goiabada, e finalmente meia libra de farinha de trigo a qual se mistura uma colherinha de fermento inglês. Deita-se em forminhas untadas de manteiga e assa 15 minutos em forno esperto.

**Urcum cakes de chocolate**

Bate-se um ovo ligeiramente, acrescenta-se uma chieara de assucar, uma de leite ou de leite condensado. Pensa-se uma chieara de farinha de trigo, cinco colheres de cacau, uma colherinha de soda de cozinha. Acrescenta-se baunilha e farinha de trigo para engrossar. Assa 20 minutos em forminhas.

**Pães de lubé de milho**

2 chiearas de fino fobá de milho, 2 chiearas de comlhada, 1 colherinha de fermento inglês, 1 colherinha de assucar, 2 colheres de manteiga, 1 colherinha de sal, 1 ovo.

Misturam-se os ingredientes secos. Acrescenta-se o leite, o ovo bem batido e manteiga derretida. Bate-se muito bem. Assa na forma meia hora

— AVIAÇÃO —



A destemida aviadora senhorinha Anesla Pinheiro Machado, que tem realísada magníficas tardes de aviação.

Fonte: A Vida Moderna, ed. 436, 10/08/1922

## Considerações finais

Em meio a tudo aquilo que era considerado próprio e específico do “sexo-frágil”, a fotografia de Anésia Pinheiro Machado, aviadora, vestida a caráter, posando à frente de sua aeronave, pode ser lido como um exemplo de que outras formas de ser mulher, no Brasil de início do século XX, eram possíveis<sup>19</sup>. Sua imagem, associada à legenda “A destemida aviadora senhorinha Anesia Pinheiro Machado, que tem realizada magnificas tardes de aviação”, possibilitaria ao público feminino leituras contestadoras dos discursos prescritivos comumente apregoados em todos os números da revista por meio de fotografias, textos e anúncios publicitários. Anésia Machado não escolhera o salão e a cozinha ou, talvez, não apenas o salão e a cozinha, mas fizera escolhas que apontavam para outras trajetórias de vida.

Nota-se, pois, certa receptividade d’*A Vida Moderna* às demandas femininas mais expressivas daquele contexto. Das dez edições que nos propomos a analisar, oito<sup>20</sup> abordam a temática feminista de forma positiva e quatro<sup>21</sup>, de forma negativa<sup>22</sup>. Nas oito abordagens positivas, há uma posição favorável às demandas da participação política, de maior ocupação do mercado de trabalho e educação formal, bem como à maior liberdade de comportamentos. Nas quatro abordagens negativas, o feminismo é tratado como um movimento prejudicial, uma | 19  
tendência que perverteria a família e a sociedade.

De fato, as mulheres constituíram-se como público-alvo preferido das prescrições comportamentais ao longo das páginas d’*A Vida Moderna*. A naturalização dos papéis sociais de gênero era a ideia basilar de quase todas. Por outro lado, a mesma revista, por meio de outros textos e de imagens de anúncios, ilustrações ou fotografias, acabava por divulgar uma mensagem claramente contestadora daquelas prescrições.

A compreensão do caráter dialógico de todo enunciado e das relações sociais nos permite conceber que as leitoras da revista se apropriavam ativamente das ideias e representações ali veiculadas. Tal apropriação poderia orientar-se no sentido de anuir aos discursos ou mesmo subvertê-los, pois a leitura diz respeito a uma prática social dinâmica, ativa e dialógica. É a partir dessa perspectiva, pois, que defendemos que a imprensa, por meio de gêneros textuais variados, inclusive verbo-visuais, possui enorme potencial educativo, fortalecendo ou contestando papéis sociais, práticas culturais, pedagogizando o modo de ser no mundo. E, dessa forma, o público-leitor da revista tomava contato com as discussões acerca do

---

19 Guardadas as devidas diferenças de classe, que não foram objeto de questionamento neste artigo.

20 Edições 133, 137, 418, 427, 436, 437, 441 e 475.

21 Edições 350, 432, 436 e 437.

22 Em duas edições, 436 e 437, consideramos haver abordagens positiva e negativa quanto à temática feminista.

feminismo, e se educava a respeito desse, construía uma visão de mundo estruturada em valores aprendidos e reforçados pela imprensa.

## REFERÊNCIAS

A CÂMARA dos comuns. **Vida Moderna**, São Paulo, n. 475, 09 maio 1924. (Elegancias)

ARAÚJO, J. C. S. A imprensa, co-participe da educação do homem. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 1, n. 1, jan./dez. 2002.

AVIAÇÃO. **Vida Moderna**, São Paulo, n. 436, 10 ago. 1922. (Do salão á cosinha)

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo: EDUSP, 1999.

BUITONI, D. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

CAMPOS, R. D. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940)**: educação e história. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

CAMPOS, R. D. A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza, bom gosto e envelhecimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 45. jul./dez. 2015.

CAMPOS, R. D. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas, v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, jan./abr. 2012.

CAULFIELD, S. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas, SP: UNICAMP, 2000.

CENTRO HISTÓRICO EMBRAER. **Mulheres na aviação**. Exposição virtual realizada pelo Instituto Embraer, 2016. Disponível em: <https://historicalcenter.embraer.com/br/pt/exposicoes>. Acesso em: 13 jun. 2020.

CHALHOUB, S. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Unicamp, 2012.

CHARTIER, R. (org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, R. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2003.

COHEN, I. S. Diversificação e segmentação dos impressos. *In*: LUCA, T.; MARTINS, A. L. (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, E. V. Urbanização no Brasil no século XIX. *In*: COSTA, E. V. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CRUZ, H. F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013. Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/assets/publicacao/anexo/sao\\_paulo\\_em\\_papel\\_e\\_tinta.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/assets/publicacao/anexo/sao_paulo_em_papel_e_tinta.pdf). Acesso em: 09 jul. 2017.

CUNHA, M. T. S. Tenha modos! Manuais de civilidade e etiqueta na escola normal (Anos 1920-1960). *In*: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. **Anais eletrônicos** [...]. Uberlândia, MG: UFU, 2006. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/apresentacao.htm>. Acesso em: 10 abr. 2018.

DARNTON, R. **O Beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, R. **Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII**. Companhia das Letras, 2014.

| 21

DINIZ, M. Pelo nosso sexo... **Vida Moderna**, São Paulo, n. 437, 24 ago. 1922. (Filigranas)

FARIA FILHO, L. M. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. *In*: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JÚNIOR, D. (org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia: Edufu, 2002.

FEMINISMO. **Vida Moderna**, São Paulo, n. 441, 20 out. 1922. (Do salão á cosinha)

FERRAZ, B. O dia da mulher. **Vida Moderna**, São Paulo, n. 350, 14 jan. 1919.

FERREIRA, A. C. **Epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: UNESP, 2002.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, M. M. L. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v. 15, p.153-171, 2008. ISSN 0104-5970.

FREITAS, A. A. **A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914**. São Paulo: Diário Oficial, 1915. Biblioteca Digital Unesp. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26090>. Acesso em: 15 jun. 2020.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GONÇALVES NETTO, W. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAUJO, J. C. S.; GATTI JÚNIOR., D. (Org). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 197-225.

JACK. Feminismo. **A Vida Moderna**, São Paulo, n. 133, 05 set. 1912.

LELLIS VIEIRA. A lei da imprensa em vigor. **Vida Moderna**, São Paulo, n. 437, 24 ago. 1922. (Filigranas)

LELLIS VIEIRA. Voto feminimo. **Vida Moderna**, São Paulo, n. 432, 15 jun. 1922. (Filigranas)

MAROLE. Bom humor. **A Vida Moderna**, São Paulo, n. 137, 03 out. 1912.

MARQUES, V. R. B. **A medicalização da raça**: médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Unicamp, 1994.

MARTINS, A. L. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de república. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2001.

MME. X. Feminismo. **Vida Moderna**, São Paulo, n. 418, 10 nov. 1921. (Elegancias)

MME. X. Feminismo. **Vida Moderna**, São Paulo, n. 427, 23 mar. 1922. (Elegancias)

MORAES, J. L. **A Vida Moderna (1907-1922), O periódico-vitrine da cidade de São Paulo**: tempos de modernidade com um leve toque português. 2007. 241 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2007. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp033847.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MOURA, E. B. B. **Mulheres e menores no trabalho industrial**: Os fatores sexo e idade na dinâmica do capital. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

NAZÁRIO, D. N. **Voto Feminino e Feminismo**: um anno de feminismo entre nós. São Paulo: [s.n.]. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/29842>. Acesso em: 16 jun. 2020.

O FEMINISMO triumphs. **A Vida Moderna**, São Paulo, n. 133, 05 set. 1912.

PENA, M. V. **Mulheres e trabalhadoras**: Presença feminina na constituição fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PESSOA, A. M. P. **A Educação das Mães e das Crianças no Estado Novo**: a proposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado. 2005. 798 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/2016>. Acesso em: 11 jun. 2020.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista** (Brasil: 1890-1930). 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

ROCHA, H. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

SAES, D. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

SCHPUN, M. R. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Boitempo/SENAC, 1999.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In*: DEL PRIORE, M. (org.). BASSANEZI, C. (coord.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 362-400.

SOUZA, G. M. **Pedagogia da beleza em discursos publicitários na revista A Vida moderna: São Paulo (1907-1926)**. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2019.

VOTO da mulher. *In*: PORTO, W. C. **Dicionário do voto**. Brasília: UnB, 2000. p. 427-436.

| 23

WEINJTEIN, B. As mulheres trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas a esposas profissionais. **Cadernos Pagu**, v. 4, 143-171, 1995.

## Sobre os autores

### **Gabriel Monteiro de SOUZA**

Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

### **Raquel Discini CAMPOS**

Professora Associada da Universidade Federal de Uberlândia.

**Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Correção, formatação, normalização e tradução.